

DECISÕES DO VÃO-SE FAZER SENTIR

— PRESIDENTE SAMORA MACHEL

NO GRANDIOSO COMÍCIO DE 1.º DE MAIO

O IV Congresso tomou decisões que cedo terão seus reflexos na vida do povo — esta é parte da mensagem do Presidente Samora Machel, quando usava da palavra, no comício do 1.º de Maio, que marcou o encerramento da reunião máxima do Partido Frelimo. O dirigente da nossa revolução, visivelmente emocionado pelo grande movimento de cor, alegria e espontaneidade registadas neste desfile inédito que precedeu a sua alocução, fez realçar que o nosso desenvolvimento económico dependia essencialmente do esforço que fizermos, pois que os mecanismos para tal já estão criados.

D desfile do 1.º de Maio em Maputo mobilizou cerca de 200 mil pessoas, entre trabalhadores e residentes da cidade capital. Os desfilantes — no dizer do Presidente Samora Machel — conseguiram dizer, no acto, aquilo cuja descrição verbal levaria nove ou 10 horas. Concretamente, afirmaram o que somos e quais as nossas aspirações económicas.

Dada a importância do discurso presidencial, passamos a transcrevê-lo na íntegra:

«Obrigado, Povo moçambicano, pelo estudo profundo que fizeram das teses do IV Congresso, pelas contribuições que deram às teses, pelo enriquecimento e correcções que fizeram às teses do IV Congresso. Assim, as nossas teses, as teses do IV Congresso, criaram heróis, criaram homens valentes, criaram o espírito determinado, criaram consciência patriótica, consciência internacionalista, criaram o espírito de solidariedade para com os povos em luta. Criaram no moçambicano o ódio profundo à opressão, à dominação, à humilhação, à discriminação racial e social, à desigualdade do desenvolvimento económico e social.

«Criou em todo o moçambicano o ódio profundo ao racismo, ao tribalismo e regionalismo e, sobretudo, ao regime hegemónico da África do Sul, o regime do «apartheid». Consolidou a vossa participação na discussão das teses do IV Congresso a unidade nacional, instrumento fundamental para que o Povo moçambicano seja sempre vitorioso em todos os combates, em todas as batalhas.

TESES FORAM ESCOLA

«Fizeram das nossas teses do Congresso escola onde todos aprenderam e todos ensinaram. Fizeram das nossas teses movimento de massas, movimento popular. Criança, homem, mulher, velho, jovem operário, professor, cientista, intelectual, cozinheiro, economista, artista, mecânico, motorista, estivador, cultivador da cana-de-açúcar, de chá, do sisal, cultivador de caju, da batata, do arroz, do milho, da fruta, do peixe, combatente da primeira trincheira, nesta zona, sobretudo na RPM — zona libertada da humanidade.

«Não fizeram somente estudo, fizeram estudo mas, sobretudo, forneceram as vias correctas para solução dos nossos problemas. Ai, «khanimambo» a vocês todos. Do Rovuma ao Maputo, «kanimambo».

«Obrigado pela vossa iniciativa criadora activa, para o povo moçambicano inteiro conseguir realizar o IV Congresso com sucesso. Obrigado Povo moçambicano pelo estudo que fizeram das teses ao IV Congresso.

«Discutiram ao nível da localidade as teses do Congresso, ao nível da aldeia comunal, ao nível da fábrica, da unidade agrícola, da escola, da universidade, do hospital. Em todos os lugares da actividade económica, cultural e social. Fizeram, sobretudo, repelimos, do lar, quando falamos do lar, falo do marido, esposa e filhos, correcto? correcto? correcto? correcto? obrigado) dos vossos maridos, primeiro as mulheres: eu vou agradecer as mulheres: fizeram dos vossos maridos combatentes, corajosos. Fizeram dos vossos maridos heróis do trabalho. E porque tinham condições excelentes em casa. A vitória na fábrica, na empresa, na estiva, e em qualquer sítio depende essencialmente das relações que são desenvolvidas entre marido, esposa e filhos em casa. Quando há bom ambiente em casa, há também bom ambiente no trabalho, é ou não é? É, sim, senhor...

«Discutiram ao nível do lar: o que é que nos falta em casa? Tu, meu marido, trabalhas, recibes, mas porque é que não, temos roupa? Tu trabalhas e gachas, porque é que não tenho lenço da cabeça? Porque é que não tenho sapatilhas, porque é que não tenho saia, porque é que não tenho vestido? Porque é que o meu filho não tem calção, não tem camisa, não tem roupa para festa?

«Este ponto partiu do lar primeiro. Não nasceu assim em geral e em público. E não nasceu assim, também, espontaneamente. Então, qual é o melhor lugar de expor este problema? — célula do Partido. Estes problemas da falta de panela, de garfo, de faca, de chaveira, de copo, de colher, só podem ser resolvidos quando o país inteiro assumir que tudo depende do que fizermos. Então os vossos maridos e algumas senhoras corajosas militantes na QMIM, no Partido e em outras organizações foram à célula do Partido e puseram o problema às células do Partido a puseram o problema ao secretário da célula do Partido.

«E os secretários das células do Partido foram à célula. Reuniram os membros das células: porque é que temos faltas, faltas imensas, sobretudo de bens materiais? Dinheiro temos. Não encontramos solução.

«Foram à localidade, foram à aldeia, foram até ao distrito. Quando chegaram ao distrito começaram a compreender que os problemas do lar do senhor António, do senhor João e Américo, eram os problemas do Francisco e do Gabriel, do Musaranhane, do Mungoi, do Muhnane, de Mantchassane, de Mevassse. Entenderam meus amigos?

«A luta continua!

PROBLEMAS DA NAÇÃO

«Começaram a compreender que este problema era de várias senhoras, eram problemas de várias crianças, de vários homens. Ah, então, são problemas da aldeia, são problemas da localidade. Quando for ao distrito, são problemas do nosso distrito. E, então, distrito definido como território base para planificação da nossa economia, para melhorar a vida do povo, no seu conjunto todos formam a província. Começaram a contar quantos distritos temos na Província do Maputo? E quantos, vocês sabem quantos são? — eu vou dizer: Marracuene, Magde, Manhiça, Moamba, Namaacha, Matutuine.

«Encontraram os mesmos problemas. São problemas da Província do Maputo e não são problemas do Distrito de Marracuene. E, então, todos eles — estes todos distritos — confluíram no Comité Provincial de Maputo. E o peso de Maputo, cidade capital de Maputo, começou a constatar também

que os problemas de capital, afinal, são os problemas de todos os distritos. E, assim, vocês fizeram as conferências provinciais.

«E, quando constatarem, não levaram para o Partido directamente. Contactaram com a vossa província vizinha de Gaza. Qual era a situação no Distrito de Maci, Chikwê, Guijá Chibuto, Manjacaze, Xel-Xel, Chiquialacuala, Mapal e outros lugares? Disseram: temos falta de panela, enxada, catana. Pode-se cultivar a terra com o dedo? Viram que não tinham picareta, não tinham pá, não tinham catana, não tinham enxada. Como fazer a produção? Então, há fome. Há fome, porque não há meios de produção. Não há charruas.

«A Província de Gaza consultou a de Inhambane. Encontrou situação idêntica. Inhambane e Gaza consultaram simultaneamente as Províncias de Manica e Sofala. Sofala e Manica consultaram conjuntamente as províncias da Zambézia e de Tete. Zambézia contactou as províncias de Niassa e de Nampula. Nampula e Niassa consultaram Cabo Delgado.

«Então, constatarem que Matutuine, Namaacha, Moamba, Magde; enfrentavam também mesmos problemas. Em Fingoe e em Zumbo estavam estes problemas; em Kionga, em Palma, em Nangade, estavam estes problemas. Em Angoche, na Beira, em Ribáue, em Malema, em Morrumbala, Chimoio, Sussundenga... Ah, já não são problemas provinciais, mas sim problemas nacionais.



IV CONGRESSO

BREVEMENTE

«E quando constatarem que os problemas eram problemas nacionais, então, disseram: vamos ao Partido. E o Partido analisou estes problemas. Primeiro o problema da fome

«E, então, nós constatámos que eram nossos problemas essenciais a fome e a nudez, e assim resolvemos realizar o nosso IV Congresso. O Congresso foi acompanhado pelo país inteiro. As nossas discussões estiveram sempre ao vosso alcance. Ouviram sempre o que nós discutimos.

TAREFA DO NOVO CC

«A minha missão hoje é apresentar-vos o Comité Central eleito pelo IV Congresso, que elegeu 130 membros.

«Esta é a primeira missão. A segunda, é que o nosso Congresso gozou de muita simpatia. Nele participaram delegações de países socialistas, partidos comunistas, partidos operários, movimentos de libertação, organizações democráticas, organizações progressistas e personalidades, para apoiar o nosso Congresso. É muito difícil neste momento dizer os nomes de todos eles mas eu penso que, através da rádio, ouviram quando foram apresentadas as delegações ao IV Congresso. Através do Congresso, apresentaram mensagens calorosas ao Povo moçambicano, desejando-lhe felicidade, paz, progresso, bem-estar e reafirmaram a sua solidariedade para com o Povo de Moçambique, particularmente neste momento em que sofre de três tipos de calamidades: Primeira calamidade — bandidos armados e não armados; a segunda — as agressões perpetradas na RPM pelo regime do apartheid, na tentativa de querer destruir esta trincheira socialista, esta zona de liberdade da humanidade, que faz fronteira com a opressão; a terceira — a calamidade natural, que são as secas.

«Estes países que estão aqui já ofereceram ajuda em comida, em dinheiro e em roupa, em diversos artigos para apoiar o IV Congresso e as vítimas da seca na RPM.

«Eu gostaria de pedir às delegações (desculpem não poder enumerar, o tempo conta muito), que se levantem para o nosso povo poder ver.

«Aqui estão delegações de todos os continentes, da Europa Ocidental, do Leste, incluindo o nosso antigo colonizador, Portugal, está aqui presente. A delegação de Portugal vem ex-

pressar a amizade que existe entre o Povo de Moçambique e o Povo de Portugal, isto é fundamental. A amizade existe sempre. Os povos não se colonizam, mas o sistema sim.

«Vocês sabem que combatemos contra o colonialismo português, mas não contra o povo português.

«O que é que nós discutimos: resolver em primeiro lugar as questões políticas. O Congresso elegeu membros que irão viver com o povo para resolver os problemas do povo. Os 130 membros são para viver os problemas do povo — a fome e a nudez. Em segundo lugar, supervisionar a realização dos grandes e pequenos projectos que temos. Dirigirem as fábricas, as aldeias comunais.

«Eu não vou fazer discurso. Não é preciso fazer discurso. O melhor discurso foi feito por vocês. Eu não vou classificar o desfile que fizeram aqui.

«Não há medida para poder calcular, medir o tamanho, a dimensão. O desfile que fizeram aqui está carregado da vossa determinação, da vossa convicção — vencer as dificuldades. Estão desde às quatro horas da manhã, mas vieram aqui para mostrar essencialmente o que vocês realizaram em oito anos de independência. O esforço que fazem para a reconstrução da Nação moçambicana.

«Vieram para mostrar as vossas vitórias, vieram fazer o desfile para mostrar como se consolida a independência, como se consolida a aliança operário-camponesa. Como se defende a independência. Vieram aqui para dizer: nesta pátria moçambicana, neste pedaço de terra que se chama Moçambique, não queremos o capitalismo, não queremos o neocolonialismo. Pode-se revestir de qualquer forma, de qualquer tipo de casaco ou vestido ou blusa. Não queremos o neocolonialismo.

«Somos combatentes permanentes anti-imperialistas. É o vosso desfile isto.

«Somos um povo pacífico, que ama a paz, mas também um povo determinado a lutar e vencer, quando necessário. Somos um povo determinado a pegar em armas em qualquer altura, qualquer circunstância, quando necessário.

«Vieram mostrar aqui a força invencível que vocês constituem nesta nossa zona, nossa Pátria. As crianças desde a manhã estão aqui, sem água,

sem pão e, estou certo que ao voltarem para casa não vão encontrar comida. Mas vieram aqui dizer: estamos aqui para reconstruir a nossa Pátria devastada pela pilhagem colonialista. Estamos aqui para reconstruirmos a nossa Pátria devastada pela guerra colonial. Estamos aqui para reconstruirmos a nossa Pátria agredida e devastada pelas agressões do tabaqueiro que ficou no calxote de lixo da história, Ian, Smith. E estamos aqui para, quando necessário, qualquer que for a agressão, venha de onde vier, estamos aqui para defender e fazer da nossa Pátria o túmulo de qualquer invasor. E isso é muito para nós. Foi uma lição.

«O vosso desfile é a síntese. É o filme de 35 milímetros, num écran grande, do que nós discutimos lá no Congresso. É isto o que está aqui. Nós estávamos a discutir, mas não compreendíamos absolutamente nada.

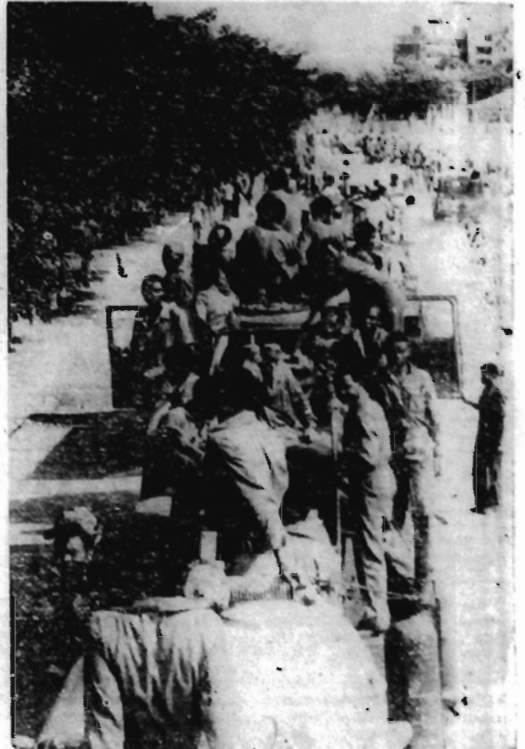
«Desfilaram aqui durante três horas e mostraram o que nós demos, no relatório do Comité Central ao Congresso, não sei se em nove ou 10 horas. Depois discutimos horas e horas. Mas vocês em poucas horas disseram: olhe, o que nós queremos é isto.

«Vieram também mostrar não sucessos apenas, mas também dificuldades. O Povo moçambicano gosta de vestir-se bem. Gosta de ter o cabelo cortado, mas vocês desfilaram com o cabelo grande, porque não há máquinas.

«A última lição que nós demos é da política externa da República Popular de Moçambique, em relação aos povos oprimidos do mundo. A grande lição que nos darão é o ódio que o povo tem contra o colonialismo, as ditaduras fascistas, nazis, como o é o apartheid (na África do Sul), o sionismo (em Israel), o fascismo no Chile e outros sítios.

«Passaram aqui a desfilar os da América Latina, El Salvador (em combate), da Colômbia, do Uruguai. Passaram, também, os da Namíbia e da África do Sul, de Timor-Leste, do Sahara, e vocês desfilaram com eles, como vossos irmãos.

«Mas passaram também os de países independentes, países socialistas. Países socialistas da Europa — da União Soviética, República Democrática Alemã, Bulgária, Roménia, Hungria, Polónia, Checoslováquia, Jugoslávia. Desfilaram, também, aqui



os da República Popular da China, República Popular e Democrática da Coreia, República do Vietname, Laos e Campuchea.

«Desfilaram aqui os de Cuba. Mas desfilaram ao lado de vocês, não direi Portugal, França, Holanda, Suécia, Dinamarca, Noruega, apoiaram-nos durante a guerra de libertação nacional. Os ingleses desfilaram também ao lado de vocês. Mais interessante é que os americanos desfilaram também ao lado de vocês, para poderem compreender a natureza da amizade que existe entre os povos.

«Quando é um país socialista já estão habituados. Tinham posto um busto grande representando um monstro imperialista. Um monstro grande. Mas vocês tinham posto por cima martelo, foice, armas, pr careta — por cima da cabeça do imperialismo.

«Nós fizemos, o socialismo resolverá os nossos problemas. É verdade que não resolvemos em três dias, quatro dias. Uma criança para nascer necessita de nove meses. Depois dos nove meses, necessita de seis anos para ir à escola. E para terminar o ensino primário, necessita de 10 ou 11 anos. Para terminar o ensino secundário, necessita 17,18 anos. Para fazer o ensino superior, são 23 ou 24 anos.

«Mas vocês, com oito anos, já não são crianças. Por isso, parabéns a vocês todos. É esta a mensagem.

«Obrigado pela vossa presença aqui, camaradas delegados ao IV Congresso, por terem dado esta grande ocasião ao nosso povo de ver a solidariedade de que Moçambique goza no mundo inteiro. Não estamos sozinhos nesta luta. Estamos com todos os povos do mundo.

«Obrigado, delegados nacionais ao IV Congresso.

«O Congresso foi um sucesso grande. Os reflexos vão se fazer sentir brevemente: colocámos o nosso dedo no pulso. Queremos medir constantemente o ritmo do coração. Significa que vamos medir o ritmo do nosso desenvolvimento económico.

«Obrigado. Kher'mambo. Estou emocionado, não posso falar mais do que isto. O melhor discurso foi o desfile. O desfile de sempre. Desfilaram porque vocês construíram o socialismo. O 1.º Maio para vocês é por causa do socialismo. Muitos países não fazem desfile como vocês. Vizinhos, até.

«África do Sul não faz desfile, porque o 1.º de Maio é vitória do proletariado internacional. A vitória de todos os trabalhadores do mundo é a nossa vitória. Desfilamos porque se desfilam também noutros sítios do mundo.

«E obrigado».

(Discurso obtido através dos nossos serviços de gravação e escuta)